

Paulo Sales\*

Instituto Federal Goiano – Universidade Federal de Goiás

# Golgonia Anghel e a sociedade do cansaço

## Resumo:

Desenvolve-se uma reflexão em torno do trabalho poético de Golgonia Anghel, sobretudo em poemas cujas imagens construídas podem ser pensadas criticamente por meio da perspectiva da “sociedade do cansaço”, de Byung-Chul Han (2017). A relação entre a poesia de Golgonia e a “sociedade paliativa” (Han 2021) ao demarcar um lugar de negação da dor, na qual a voz lírica, altamente irônica, vai de encontro com os transtornos mentais coletivos que temem a algofobia. Ao se projetar nos poemas, a poeta se insere no meio social urbano e, junto dos sujeitos citadinos, todos passam a ter a vida monitorada por dispositivos digitais, com demandas internas infinitas que os adoecem. O tom desencantado e sarcástico, bem como a dicção risível, embora melancólica, presentes nos poemas do livro *Nadar na piscina dos pequenos* (2017) marcam o posicionamento ético da poeta frente às imposições da vida apressada da sociedade neoliberal.

## Palavras-chave:

Poesia portuguesa contemporânea, Golgonia Anghel, cansaço, ironia, desencanto

## Abstract:

This work develops a reflection on the poetic work of Golgonia Anghel, particularly on poems whose constructed images can be critically examined through the perspective of the "society of fatigue", by Byung-Chul Han (2017). The relationship between Golgonia's poetry and the "palliative society" (Han 2021) lies in its demarcation of a place of denial of pain, in which the highly ironic lyrical voice confronts the collective mental disorders that fear algophobia. By projecting herself into the poems, the poet inserts herself into the urban social environment and, along with the city dwellers, everyone's life becomes monitored by digital devices, with endless internal demands that make them ill. The disenchanting and sarcastic tone, as well as the laughable, albeit melancholic, diction present in the poems of the book *Nadar na piscina dos pequenos* (2017) mark the poet's ethical stance towards the impositions of the hurried life of neoliberal society.

## Keywords:

Contemporary Portuguese poetry, Golgonia Anghel, weariness, irony, disenchantment

*O sujeito de desempenho esgotado, depressivo está,  
de certo modo, desgastado consigo mesmo, de lutar  
consigo mesmo. Está cansado, esgotado de si mesmo,  
de lutar consigo mesmo. Totalmente incapaz de sair  
de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo, fica  
se remoendo, o que paradoxalmente acaba levando a  
autoerosão e ao esvaziamento*

Byung-Chul Han

*Ficámos tanto tempo em silêncio,  
que conseguimos,  
até que enfim,  
confundir-nos com a noite.  
Vínhamos, é certo, de sonhos distintos  
e ainda não tínhamos aprendido a adormecer  
sem que isso não parecesse uma queda no vazio.*

*Aceitávamos, no entanto,  
que os nossos corpos continuassem um caminho  
para o qual nós não tínhamos explicação.*

Golgoná Anghel

As duas epígrafes acima orientam nosso exercício de leitura a respeito de alguma poesia portuguesa recente. Elas apontam para a questão do desencanto inerente aos sujeitos contemporâneos reféns da alta produtividade exigida pelos tempos neoliberais. Na era da cibercultura (Lévy 2000), da produção em larga escala e da autogerência de si regidas pelo excesso de positividade da psicopolítica (Han 2018), a coletividade – e aqui incluímos, também, os poetas – torna-se um conjunto de sujeitos cansados, esgotados de si mesmos e incapazes de saírem de si. Herdeiros da dicção crítica da *Geração Cartucho* da década de 1970 (Martelo 2010), da qual o nome fundamental é Joaquim Manuel Magalhães, alguns poetas portugueses recentes, com livros publicados a partir dos anos 2000, valem-se de uma escrita distópica, estratificada em um cenário atual ruinoso, que vai contra as imposições da economia mercadológica neoliberalista. Nomes como os de Manuel de Freitas, José Miguel Silva, Pedro Mexia, Pedro Eiras e, principalmente, o de Golgoná Anghel – poeta de que nos ocuparemos aqui –, apresentam poéticas nas quais há sujeitos poéticos – juntos aos demais indivíduos – que passam a ser massificados, sacrificados pelas virtualidades digitais, e vivem sob a lógica capitalista do desempenho. Nos trabalhos poéticos desses poetas, sobretudo no de

Golgota, constatamos um intenso “voltar a falar de si”, ou seja, um retorno à verbalização dos sentimentos que podem ser compartilhados uns com os outros, bem como à ordem das mágoas partilhadas por meio de uma linguagem literal. Nessa poesia, cuja dicção foi bem representada por Joaquim Manuel Magalhães e por outros poetas da *Geração Cartucho*,<sup>1</sup> é comum uma atenção ética na escrita de poesia que, por sua vez, está intimamente ligada à presença da corporeidade dos poetas que exigem a volta dos afetos. Assim, a partir da apreensão de elementos críticos a respeito da lógica neoliberal, Golgota apresenta nos poemas uma dicção desencantada da realidade, ou seja, de uma poeta “que deixou de cantar, [de] vê-l[a] na figura do espelho, na perspectiva de quase de ninguém, de um corpo pronto a dizer até as manchas a exacta superfície por onde vai, onde se perde” (Guerreiro 2003: 67).

Nesses poetas de linhagem crítica à realidade contemporânea do automonitoramento, apresentamos a leitura de alguns poemas de Golgota por meio dos quais podemos perscrutar um olhar crítico a partir de uma realidade lusitana fadada ao consumismo, ao desempenho desenfreado do eu e à produção capitalista. Para iniciarmos, devemos destacar, desde já, que o cenário citadino representado no livro *Nadar na piscina dos pequenos* (2017) é desolador. Nessa obra, constatamos imagens poéticas que reverberam a vivência cotidiana dos sujeitos oprimidos nas cidades pelas imposições neoliberais do tempo presente, que os tornam deprimidos, insatisfeitos e, sobretudo, doentes. Trata-se de um cansaço sem fim, extremamente alienante e típico do paradigma neuronal pensado por Byung-Chul Han (2021: 9) que não admite espaço para a dor. Segundo o pensamento desse filósofo, hoje, na era hiperacelerada, impera por toda parte uma algofobia, ou seja, uma angústia generalizada diante da dor e dos pensamentos “negativos”, que devem ser evitados por todos. Para Han (2021: 11-12), a perspectiva ideológica do neoliberalismo entende que a resiliência transforma experiências traumáticas em catalisadores para o aumento do desempenho. Logo, “a sociedade paliativa coincide com a sociedade do desempenho. A dor é vista como um sinal de fraqueza. Ela é algo que deve ser ocultado ou eliminado por meio da otimização. Ela não é compatível com o desempenho” (Han 2021: 13-14).

Isto posto, podemos associar alguns poemas de Golgota a essa visão crítica e desencantada da realidade neoliberal pensada por Han. Na poesia de Golgota, sujeito poético e seus semelhantes estão submetidos a uma violência neuronal sistêmica, que é aquela imanente ao sistema neoliberal. As doenças psíquicas, tais como a depressão, o transtorno de personalidade, o déficit de atenção e hiperatividade, a síndrome de *burnout*, entre outras, estão presentes no texto poético de Anghel. Sua poesia, então, pode ser pensada a contrapelo das chagas da psicopolítica instaurada em fins do século XX e no início do século XXI da qual fala Byung-Chul Han (2017; 2018; 2021). No poema a seguir, o sujeito lírico nos possibilita refletir criticamente a esse respeito, ou seja, sobre os meios de autoexploração silenciosa da psicopolítica que acomete os sujeitos e, inclusive, a si mesma:

Pergunto-me se já estou morta ou apenas ferida.  
Se já tomei a droga.  
Estará agora a fazer efeito?  
Quero saber se estas sombras que nos cercam  
não estão, no fundo, a cavar nossas campas.

Olho à volta e os relógios perdem a voz.  
O céu retira-se e desfalece nos cantos.  
Apogeu do chão e do pequeno.  
Trapalhçada das lacraias.

O silêncio resigna-se  
e adopta um ar póstumo:  
o antónimo de uma sala de partos.  
(Anghel 2017: 58)

O poema traz as sensações de alteração de humor provocados pelos ansiolíticos tão comuns na nossa contemporaneidade. O eu-lírico não se reconhece no mundo que o cerca: “Se já tomei a droga. / Estará agora a fazer efeito? / Quero saber se estas sombras que nos cercam / não estão, no fundo, a cavar nossas campas”. O mal-estar reverberado na voz lírica em prol da lógica do desempenho causa-lhe vertigem: “Olho à volta e os relógios perdem a voz. / O céu retira-se e desfalece nos cantos. / Apogeu do chão e do pequeno. / Trapalhçada das lacraias”. Como é bastante visível nessa poética, nota-se a narrativização de atos corriqueiros que apresentam léxico trivial muito próximo da linguagem cotidiana, que aproxima a poeta dos sujeitos comuns. Há em Golgona a recusa de um trabalho metafórico e hermenêutico complexo. Em seu lugar, a poeta apresenta uma vontade de comunicabilidade, de estar em conjunto, de ocupar espaços e de partilhar o “sensível” (Rancière 2009). Para isso, Golgona busca uma aproximação com o leitor por meio da partilha de sofrimentos. Por fim, a lógica do capitalismo tardio, que exige alto desempenho, passa a controlar a todos sob diversas órbitas e normas vigentes em um tom pessimista-conformista: “o silêncio resigna-se / e adopta um ar póstumo: / o antónimo de uma sala de partos” (Anghel 2017: 58).

Além das questões dos malefícios de ordem psíquica presentes nas imagens dos poemas, sua poesia revela lugares decadentes e arruinados. Casas, passarelas, estações de metrô e de trem são povoadas não por pessoas, que deveriam se encontrar nos cafés e/ou nas diversas atividades cotidianos, mas sim por bolores, sujidades, detritos, entulhos, restos. Aqui, nessa poética do desencanto, isso é presentificado nos poemas por meio de uma voz irônica e, ao mesmo tempo, melancólica:

Chegou a época dos mosquitos na estepe.  
Os mosquitos,  
que passam o Inverno nas tocas das marmotas,  
andam agora atrás do gado.

Fragilizados pelo frio,  
incapazes de caçar,  
os lobos aproximam-se das povoações.

Nos aciprestes,  
os corvos bicam o seu próprio peito.  
Debaixo dos tapetes, os vermes andam  
cansados de polir caixões  
como se fossem talheres de prata.

O bolor monta uma exposição impressionista  
nos cantos mais húmidos da casa.  
A pata reumática da brisa borrifa fungos e  
manchas sem molduras.

Há muito tempo que o apocalipse  
devia ter chegado. Mas a mudança de hora  
o tem atrapalhado.  
(Anghel 2017: 63)

Atentemo-nos às escolhas lexicais feitas pela poeta, bem como das imagens e das impressões para as quais elas remetem: apocalipse, bolor, corvos, fungos, humidade, lobos, manchas, mosquitos, patas, vermes. O campo semântico, à primeira vista, induz os leitores às sensações de sofrimento e de mal-estar. São imagens que, embora sejam facilmente reconhecíveis, provocam o desencanto com o presente da escrita poética, principalmente pelas escolhas vocabulares e pelas combinações irônico-melancólicas: “Há muito tempo que o apocalipse / devia ter chegado. Mas a mudança de hora / o tem atrapalhado”. Nesse e na grande maioria dos poemas de *Nadar na piscina dos pequenos*, deparamo-nos com uma poética da distopia, ou seja, da desilusão e da constatação de não haver salvação para o cenário no qual a poeta está inserida. Devido a essa decepção com a realidade circundante, a poeta vale-se de estratégias contrastantes e risíveis ao evidenciar o nonsense da vida contemporânea em lugares sem identidade: “O bolor monta uma exposição impressionista / nos cantos mais húmidos da casa / a pata reumática da brisa borrifa fungos e / manchas sem molduras”. Além disso, constatamos que a voz poética usa a ironia como uma estratégia para entrar em atrito com as contradições do mundo contemporâneo, o que a faz deslocar contextos e usos

inabituais de certas imagens: “Nos aciprestes, / os corvos bicam o seu próprio peito. / Debaixo dos tapetes, os vermes andam / cansados de polir caixões / como se fossem talheres de prata”.

Nos poemas de Golgota, o sujeito lírico, assim como os habitantes da cidade, também está deslocado nesses lugares sem identidade. Juntos, partilham as desgraças cotidianas e apresentam sentimento de descontentamento frente às exigências impostas pelo consumismo desenfreado e pela aceleração da vida urbana. Os enftretamentos à realidade opressora são atenuados, até certa altura, por meio do uso constante de ansiolíticos e nos vícios em jogos de *poker*, tal como se lê no poema a seguir:

Ontem, à noite, estive na cave do marquês  
a jogar póquer até às tantas.  
Passei horas nisso em vez de escrever,  
de tomar ansiolíticos,  
de pensar em ti.  
Joguei póquer e perdi tudo  
com o American Airlines na mão.

Depois tomei um duche e vim fazer este desenho  
com a esperança de que me fosse acalmar.  
(Anghel 2017: 40)

A poeta é extremamente crítica no que se refere à virtualização dos espaços experimentados nos não-lugares que, também, estão aliados à velocidade e à amplitude das tecnologias de comunicação e de informação. Todas essas relações inter-relacionadas transformaram a vida cotidiana acelerada e sem afetividade. Logo, a hiperatividade autoexigida pela lógica do desempenho, típica da vida capitalista neoliberal, leva ao infarto da alma. Essa veia ácida de Golgota é introjetada nos poemas nas reconstituições das ruínas da paisagem urbana, representada com a deterioração de valores em uma sociedade consumista e indiferente ao mundo solidário. Para tanto, o sujeito lírico se autoironiza em uma situação corriqueira, em que muitos sujeitos estão inseridos nas demandas diárias que levam à exaustão. Não à toa, nota-se que o eu lírico, como podemos ler no poema abaixo, é privado de seu sono e se torna vítima de tratamentos cruéis, tais como muitos pacientes hoje são submetidos a tratamentos nada humanizados nos hospitais psiquiátricos:

Hoje, vieram buscar-me cedo.  
É a tal história, tiram-me do sono,  
passam-me para a maca e  
ninguém quer saber das minhas vontades.  
Nem fui fazer chichi, nem me fizeram o buço.  
Estou com o bordado da fronha estampado nas fuças

e, com este péssimo aspecto,  
fazem-me desfilar pelos corredores cheios de gente  
que acordada de madrugada  
e se põe bonita para vir aqui tirar fotografias  
a rins e pulmões.  
Fora a vadiagem que só entra para aquecer os pés,  
estou eu, feita bicho, amarrada a uma etiqueta,  
como os cavalos da feira.  
Por isso, puxo com os dois braços  
uma fralda que encontro por perto  
e enxugo o meu rosto pejado de medo,  
porque tudo isto é mesmo uma merda,  
mas depois melhora um pouco  
quando me enchem de morfina  
e me devolvem, à saída, o telemóvel.  
(Anghel 2017: 15)

Nessa partilha de afetos, são tratados com viés crítico a exploração do trabalho, a passagem do sujeito – com suas subjetividades – para modelos de protótipos sem identidade, além do uso comercial dos lugares, com fins turísticos e rentáveis. A visão desses poetas portugueses de hoje é de contraste com os outros países europeus. Os anos 1970, mais precisamente, marcam a entrada de Portugal na União Europeia e, com essa nova parceria, há a vinda de recursos que devem ser aplicados de determinadas maneiras, bem como a venda de determinadas mercadorias. A artificialidade e a obrigatoriedade que se faz em cima de determinados comportamentos impostos pelo neoliberalismo aparecem, sobretudo, em Golgona por meio da “poesia de circunstância”, ou seja, poemas que apresentam uma reflexão atenta às vivências diárias do tempo presente. O poema é o lugar das coisas, das vivências banais e, por essa razão, há a recusa pelo uso de metáforas. Ao trazer os problemas do sujeito para o poema, nota-se que a vida não é sublime e não é idealizada o tempo todo. Cada dia é uma circunstância que leva à criação de um poema. Essas circunstâncias do dia a dia na cidade também são recorrentes em Golgona:

Pouco importa que entrem pela casa dentro  
malucos e ladrões,  
moscas ou carros blindados,  
contanto que me deixem dormir até mais tarde.  
E se amanhã me encontram no chão  
envenenado,  
todos eles vão ver-me nessa televisão  
que não desliga nunca

e não me deixa pensar  
nem um segundo.  
Se quiserem vender a minha campa  
em vez deste casebre,  
sentir-me-ia bem mais desalojado.  
Preferia, é certo, não envelhecer e ser sepultado  
com a minha roupa interior de marca  
e os meus nomes de criança – Bebezinho, Nininho, Nini.  
Enlouqueço?  
Eu sei, mas, que remédio,  
a memória é mais indulgente que a realidade.  
Aliás, já está provado, as santas andam todas enganadas:  
não vale acumular cera nos cantinhos.  
No fim, vamos ser todos perdoados.  
Podemos continuar a beber.  
(Anghel 2017: 52)

Golgota critica a artificialização da cultura portuguesa no que diz respeito às armadilhas do capitalismo neoliberal. Sua voz ácida e crítica volta-se contra a apropriação do espaço urbano tornado mercadoria e que traz malefícios à vida social. A esse respeito, vale lembrar a imagem do turista que aparece nos poemas de outro poeta contemporâneo de Golgota, Pedro Mexia, que também faz crítica a essas questões neoliberais. Na poesia de Golgota, percebemos, ainda, a estratégia do riso derrisório como uma forma de se posicionar contra as normas vigentes da economia neoliberal, ou seja, em oposição às positivities da psicopolítica que produz sujeitos desinteriorizados:

Devia escrever coisa mais divertidas,  
entreter as massas.  
Evitar, ao menos, cenas tristes,  
mudar de roupa uma vez por mês.  
Podia, decerto, afastar-me, sair do corpo,  
dos seus humores.  
Entrar na biopolítica, usar os seus métodos.  
Engravidar uma ideia alegre.  
Enfim, nada contra os suicidas de carreira  
e os demais performers do além.  
Não é que não me apeteça largar-te  
num eléctrico sem travões.  
Deixar-te num país estrangeiro,  
sem dinheiro e sem memória.

Não se iludam, ainda sei baixar as calças.  
Fazer um truque.  
Mas se o meu psiquiatra ler isto,  
vai achar que o tratamento  
já não funciona.  
(Anghel 2017: 18)

Deve-se reconhecer que, sob um prisma social, sua poesia cria circuitos de afetos, uma vez que somos afetados uns pelos outros, bem como pelos mesmos problemas psicossomáticos. Esse sentimento de unidade, de comunidade e de ser afetado um pelo outro – e pelos problemas comuns a todos – leva-nos, segundo Jacques Rancière (2009), à integração de um sistema de evidências sensíveis comum aos sujeitos pertencentes a uma mesma comunidade. Diante da partilha de nossas aflições na contemporaneidade, Rosa Maria Martelo (2022) destaca o papel da poesia em interromper o tempo, já que ela pertence à ordem do intervalo. A experiência de escrever e ler poesia possibilita formas de desaceleração, de lentidão, de intimidade e de singularidade diante da vida apressada que foi institucionalizada como “normal” pelos ideais neoliberais. Em tempos de hiperaceleração, de hipermodernidade, da hiper-realidade e da extrema autoexploração, a velocidade se tornou nosso destino comum:

ver à nossa volta tantos sinais de uma aceleração inexorável no sentido da destruição já não reversível do mundo em que vivemos – apenas minorável – não pode deixar de ser paralisante. Mesmo se um dos traços distintivos do nosso tempo é a aceleração. Mas dir-se-ia que estamos paralisados pela aceleração, precisamente, pela cegueira que ela mesma produz; com ressalva de que os seres humanos não formam de modo algum uma categoria homogênea e não estamos todos paralisados da mesma forma nem pelas mesmas razões. (Martelo 2022: 196-197)

Byung-Chul Han (2018; 2021) esclarece que, no tempo das mídias sociais e na era dos *likes*, os sujeitos já não são mais cobrados por meios impositivos que nos privavam de liberdade, tal como Michel Foucault (2014) mapeou em sua arqueologia do século XX, sob um paradigma disciplinar que oprimia e castigava os sujeitos. O paradigma da biopolítica apresentada por Foucault – na qual o Estado tinha a tutela sobre a vida e a morte dos indivíduos e que mais tarde seria reformulada por Achille Mbembe (2021) sob o rótulo da necropolítica – passou, no século XXI, a massificar os sujeitos, aniquilando as suas subjetividades. Esse espaço da hipermodernidade faz-nos transitar permanentemente entre os lugares e os “não-lugares” (Augé 2012), o que nos leva a assumir identidades provisórias. Ou, dito de outro modo, o espaço do não-lugar não cria identidade singular, mas sim apenas a *solidão* e a *semelhança*.

A solidão e a semelhança, hoje, são as novas imposições da ordem do capitalismo vigente, que institui não mais a negatividade – que era o paradigma disciplinar imposto por meio da opressão nas formas de trabalho contra a liberdade do sujeito do século XX – mas sim a positividade como o paradigma do século XXI, que Byung-Chul Han (2017) denominou

como “sociedade do cansaço”. A nosso ver, diferente do que reflete o pensador sul-coreano, o extremo cansaço contemporâneo é o resultado de uma combinação do que ele entende pela virologia que afeta a imunidade – recentemente vivenciado pela pandemia da Sars-Cov-19 – juntamente à extrema violência neuronal, que é instituída pelo excesso de positividade nas diversas formas de trabalho autoexplorado.

Além disso, é nítido o sentimento de descontentamento atual frente às exigências impostas pelo consumo desenfreado e pelo frenesi da vida apressada que é partilhada tanto pela poeta quanto pelos indivíduos nas diversas paisagens artificiais urbanas. Sufocados e sem espaço para expressarem suas individualidades, a poeta e os sujeitos comuns – muitos dos quais se encontram em situações degradadas – vivem submersos a um “sistema autocrático de identificação e de resolução de erros”, tal como é referido no poema “Vivemos submersos num plasma nutritivo”:

Vivemos submersos num plasma nutritivo  
que nos garante um crescimento rápido e de exceção  
com talentos singulares,  
e sonhos que não precisam de ser actualizados –  
basta apenas afinar sua desordem estética.

Temos acesso a uma vida desprovida de acasos,  
onde colónias de bactérias sangram invejosas,  
esmagadas a milhas pela radiação do nosso olhar.

Dotados de um sistema automático  
de identificação e resolução de erros,  
dirigimos à distância um código sentimental simplificado.  
Acumulamos dados, analisamos sinais.  
Não conseguimos conceber um desastre maior  
que a falta de bateria no comando.  
(Anghel 2017: 47)

Observe-se no poema as menções ao “plasma nutritivo”. Essa imagem se desdobra em uma alegoria do mundo digital, remetendo às tecnologias da informação e da comunicação que estão a virtualizar as realidades dos indivíduos, massificando-os todos em conjuntos de dados, algoritmos, que se interconectam. Submersos a esse plasma, não há espaço para atualização de sonhos e, tampouco, há espaço para subjetividades dos indivíduos, já que todos dirigem “à distância um código sentimental simplificado”. Os substantivos “bateria”, “códigos”, “colónias de bactérias”, “dados”, “desastres”, “milhas”, “radiação”, “sinais” evocam uma paisagem distópica na qual não há qualquer perspectiva futura de vida que valorize as particularidades do sujeito. Tais imagens emblemáticas, tais como a “flor

de plástico” em cima da montra de um talho e a “piscina dos pequenos” que intitulam os livros, são representativas desse mal-estar do sujeito no mundo contemporâneo. Por meio dessas imagens, nota-se que o discurso poético de Golgona Anghel, bem como de Manuel de Freitas, Pedro Eiras e Pedro Mexia, vale-se de referências comuns, prosaicas, facilmente identificáveis, o que desvia essa poesia da ideia de alto lirismo, levando a poeta ao encontro dos outros, pessoas comuns nas ruas da cidade. Não à toa, na grande maioria dos poemas, o sujeito lírico se manifesta sempre na primeira pessoa do plural, no tempo presente do modo indicativo, em lugares públicos e de encontro.

Por fim, resta, então, à poeta, em um tom mórbido-conformista, contentar-se com o fato de que “a vida será uma soma de mensagens erradas e / de músicas que não conseguimos ouvir até o fim”. Viver o peso da contemporaneidade, regida pelos dispositivos digitais, é compreender que “com ou sem licença para fazer obras / o horizonte montará o seu palco de fim de contas. / Esta comédia de vésperas / que o cansaço tem mal encenado” (Anghel 2017: 19).

## NOTAS

\* Paulo Sales é Professor de Linguagens no Instituto Federal Goiano e nos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras e Linguística – Estudos Literários – da Universidade Federal de Goiás e Formação de Professores de Práticas Educativas, do Instituto Federal Goiano. Desenvolveu estágio Pós-Doutoral (2021-2023) na UFF, sob supervisão de Ida Alves e co-supervisão de Celia Pedrosa. Lidera, junto com Flávio Camargo (UFG), o Grupo de Pesquisa “Estudos da narrativa brasileira contemporânea” (UFG/CNPq). É pesquisador membro dos Grupos de Pesquisa “Poesia e contemporaneidade” (UFF/CNPq) e Texto Poético (ANPOLL). Desenvolve pesquisas sobre poetas portugueses do extremo contemporâneo, que passaram a publicar nos anos 2000.

<sup>1</sup>Ver o ensaio “Cartucho e as linhas de renovação da poesia portuguesa na segunda metade do século XX”, de Rosa Maria Martelo (2010), no qual a estudiosa aponta para o programa poético de JMM que já se encontrava nos cinco poemas pertencentes ao cartucho, ou melhor, a “aquilo” como Fiana Hasse Pais Brandão se referia à proposta inusitada de livro de poemas.

## Bibliografia

- Anghel, Golgona (2017), *Nadar na piscina dos pequenos*. Porto, Assírio & Alvim.
- Augé, Marc (2012), *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira, Campinas, Papirus.
- Foucault, Michel (2009), *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo, Edições Loyola.
- (2014), *Vigiar e punir: nascimento da Prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete, Petrópolis, Editora Vozes.
- Guerreiro, António (2003), “Um pouco de vida, um pouco de poema”. *Telhados de vidro*, n.º 1: 65-74.
- Han, Byung-Chul (2017), *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini, Petrópolis, Vozes.
- (2018), *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas formas de poder*. Tradução de Maurício Liesen, Belo Horizonte, Editora Âyiné.
- (2021), *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Tradução de Lucas Machado, Petrópolis, Vozes.
- Lévy, Pierre (2000), *Cibercultura*. São Paulo, Editora 34.
- Martelo, Rosa (2010), “Cartucho e as linhas de renovação da poesia portuguesa na segunda metade do século XX”, in Martelo, Rosa Maria. *A forma informe: leituras de poesia*. Porto, Assírio & Alvim: 155-178.
- (2022), *Devagar, a poesia*. Lisboa, Documenta.
- Mbembe, Achille (2021), *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Libby Meintjes, São Paulo, N1 edições.
- Rancière, Jacques (2009), *A partilha do sensível*. Tradução de Mônica Costa Melo, São Paulo, Editora 34.